

# História da imprensa sob o enfoque da memória

*History of the press under the focus of memory*

**Sérgio Arruda de Moura** | [arruda@uenf.br](mailto:arruda@uenf.br)

Professor Associado I da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Doutor em Literatura Comparada (UFRJ), com pesquisa pós-doutoral em Análise do Discurso Literário (Université de Paris XII, Val de Marne)

---

**Resenha do livro “História cultural da imprensa - Brasil - 1900-2000”,  
de Marialva Barbosa, Rio de Janeiro, 2007**

A professora titular do Departamento de Estudos Culturais e Mídia da Universidade Federal Fluminense vem respondendo por um número significativo de pesquisas sobre mídia, memória e história em que tenta dar conta de aspectos da história da imprensa como um processo que resulta necessariamente na sua relação com o social. E é isso exatamente o que se depreende da leitura de *História cultural da imprensa*. O livro, dividido em duas partes, soma nove capítulos que visualizam a história cultural da imprensa no Brasil a partir do ponto de vista do “processo comunicacional”, e essa opção redundante na importância conferida tanto ao conteúdo em si do impresso, quanto ao produtor da mensagem, bem como da forma como o leitor entende os sinais emitidos. Ao se debruçar sobre este processo na imprensa brasileira no período de um século (1900-2000), Marialva Barbosa não receou as generalizações que invariavelmente decorrem desses cortes cronológicos tão extensos. Abordando a história, a memória e a mídia como aspectos que vislumbram tanto a estrutura externa quanto interna dos jornais, a autora vai, década após década, montando um painel que aborda a relação entre os eventos e as circunstâncias históricas do estabelecimento da imprensa periódica entre nós, no século passado, a partir da cena constituída pelo Rio de Janeiro e da imprensa que nesta cidade se desenvolveu em função de tantos fatores contingentes que lhe dão o devido destaque no cenário nacional.

A distinção entre externo e interno também é notável, uma vez que os trabalhos sobre a imprensa no Brasil se dividem, segundo a autora, entre aqueles de vasta síntese histórica como é o caso da importante *História da Imprensa no Brasil*, de Nelson Werneck Sodré, e outros que abordam os meios de comunicação a partir de seus conteúdos políticos e ideológicos, havendo outros que concentram suas análises nas modificações e na estrutura interna dos jornais – ou seja, quando consideram a dimensão interna, desconsideram a dimensão externa, e vice-versa.

Sua metodologia de pesquisa, por outro lado, se sustenta na concepção de uma história da imprensa que leva em consideração a relação inalienável entre os agentes e os processos envolvidos nesse âmbito, entre eles a história e a memória. Nesse aspecto, lança um olhar agudo sobre as “conexões entre as características descritas e observadas nos periódicos com as transformações sociais”. E aqui reside um pouco a diferença e a importância do trabalho de Marialva. Para ela, que chama para si o escopo da teoria da história – ao meu ver em consonância com a concepção contemporânea de discurso –, são fundamentais tanto o *que* aconteceu, quanto o *como* aconteceu e, sobretudo, *por que* aconteceu. As metodologias que isolam estas questões compõem, via de regra, histórias descontextualizadas dos estudos culturais e dos quadros interdisciplinares das ciências humanas, e redundam ainda em “histórias lineares, orientadas e baseadas em grandes feitos, singularidades e, particularidades dos grandes personagens”. Ao contrário, nossa autora incorpora o “visível” e o “invisível” como dados de pesquisa, ou seja, os eventos que permaneceram escondidos, “toda uma gama de situações que não é elevada à categoria de acontecimento por se dar na fronteira do invisível”. A esse respeito, assumem papel estrutural no

seu trabalho as memórias de jornalistas coletados por centros de documentação, mas também das memórias de Nelson Rodrigues no seu *O reacionário. Memórias e confissões*, de 1977, e mais ainda a troca de correspondência. Valendo-se de fontes primárias de pesquisa, a autora se debruçou sobre depoimentos de jornalistas reunidos em *Memória da ABI* e ao CPDOC/Alerj, mencionou filmes, valeu-se de cartas entre jornalistas e ao testemunho dos textos recuperados nos próprios jornais analisados de cada época.

*História cultural da imprensa no Brasil* tem início com um estudo sucinto do advento dos novos aparatos tecnológicos do novo século que tantas mudanças provocaram em todos os setores da vida urbana, entre eles o da imprensa. A leitura prossegue, nos capítulos que se seguem, com um estudo sobre o nascimento do chamado jornalismo sensacionalista nos anos 1920, que solo fértil encontrou no nosso imaginário de leitores, e aos termos da consolidação definitiva da empresa jornalística no Brasil, com foco nos maiores diários do Rio de Janeiro, entre eles *O Paiz*, o *Jornal do Comércio*, a *Gazeta de Notícias*, *A Noite*, o *Correio da Manhã* e o *Jornal do Brasil*, nos anos 1920, quando jovens estudantes de Direito constituíam a maioria dos jornalistas em busca de proventos e alguma notoriedade. A autora esmiúça cada um destes períodos na singularidade da história de cada um, além do perfil romântico que ainda subsistia na profissão de jornalista. Um pouco mais tarde, com a introdução do conceito de moderno, se separou o noticiário de informação e o de opinião, relegando este a um plano secundário, o que deu início à lenta e persistente busca do “discurso que espelha o mundo” a partir da “padronização da linguagem”.

O livro segue em frente com o encampamento ideológico da imprensa pelo Estado Novo, seguido da relação que no Brasil foi bastante frutífera entre literatura e imprensa. Afora as contribuições recíprocas já conhecidas entre um e outro campo, a autora relê passagens literárias na crônica e no romance, com destaque para Lima Barreto, Graciliano Ramos, Nelson Rodrigues e Clarice Lispector, em que o mundo do jornal, do rádio e da revista apóia, no literário, uma construção “pré-textual” da realidade.

Chegamos à segunda parte do livro com estudos sobre a consolidação e modernização da imprensa brasileira a partir dos anos 1950 e com a chegada da televisão para um público cada vez mais numeroso a partir da década seguinte. Nos dois últimos capítulos, mais próximos da realidade recentemente vivida, a autora aponta o ressurgimento de uma nova forma de sensacionalismo e as mudanças constantemente em curso em função das tecnologias de informática. É também nessa parte que a autora se concentra na análise da derrocada do jornal *Correio da Manhã*, que desembocou na concentração, a partir dos anos 1970, da massa de leitores em apenas três jornais, a saber, *O Globo*, *Jornal do Brasil* e *O Dia*. A respeito desse último, aproveita para retomar a questão do sensacionalismo (que ela prefere chamar jornalismo de sensações), novamente se valendo do apanhado histórico que provocou o surgimento excepcional desse gênero de imprensa no mundo e no Brasil.

Enfim, um livro para ser lido em consonância com aqueles que também estão em busca de um outro olhar da história sob a perspectiva do subjetivo, uma vez que o jornal, não sendo documento que emerge de uma única subjetividade, constrói uma hipótese sempre instigante sobre a realidade.

### **Referência Bibliográfica**

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa – Brasil – 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.